

Famílias de Maputo: processos de mobilidade e transformações urbanas

Ana Bénard da Costa,

Centro de Estudos Africanos, ISCTE-IUL¹

Resumo

A actual configuração espacial e demográfica de Maputo - com uma população superior a um milhão de habitantes dentro dos limites da cidade e cerca 1,8 milhões na região metropolitana - é mais uma criação dos seus habitantes do que o resultado de políticas de planeamento e regulamentos urbanísticos. Como resultado de complexos, e muitas vezes obscuros processos de acumulação monetária, ou de pequenas poupanças quotidianas, surgem todos dias novas habitações: modernos blocos de apartamentos, vivendas luxuosas e, sobretudo, milhares de moradias mais modestas (na sua maioria inacabadas) que se espalham por quilómetros em redor do que se convencionou chamar “Cidade de Cimento”.

Relacionando os dados obtidos em investigações anteriores e centrados nas estratégias de famílias de Maputo, com as principais ideias que orientam uma pesquisa em curso que procura compreender as formas emergentes do ‘urbanismo enquanto modo de vida’ nas cidades africanas de urbanização acelerada, este artigo descreve algumas características das famílias de Maputo relacionadas com os processos de

¹ Este artigo baseia-se no programa de pesquisa “Compreender o ‘Espaço do Lar’ na cidade Africana de Maputo” financiado pelo Conselho Dinamarquês de Pesquisa para Inovação (2009-2011), sob a gestão do Prof Jorgen Eskemose Andersen, da Faculdade de Arquitectura, de Copenhaga. Concebido a partir de e investigações realizadas pelo Professor Paul Jenkins da Escola do Ambiente Construído, Universidade Heriot-Watt /Faculdade de Arquitectura e de Arquitectura Paisagística da Universidade de Edimburgo, este programa está a ser implementado por uma parceria que reúne, para além das instituições acima mencionadas (lideradas pelos Professores Andersen e Jenkins), o Centro de Estudos Africanos do ISCTE - Instituto Universitário de Lisboa (representada pela Doutora Ana Bénard da Costa) e o Centro de Estudos Para o Desenvolvimento do Habitat da Faculdade de Arquitectura e Planeamento Físico da Universidade Eduardo Mondlane, Moçambique (representado pelos Prof. Doutor Júlio Carrilho e Prof. Doutor. Carlos Trindade). O trabalho de campo foi realizado com a participação de estudantes de arquitectura e de antropologia da Universidade Eduardo Mondlane, e teve participação fundamental da arquitecta Silje Sollienen e dos académicos moçambicanos Adriano Biza e Judite Chipenembe. O generoso apoio da Faculdade de Arquitectura de Moçambique e do seu Director Prof. Doutor Luís Lage, e o tempo que as instituições de Edimburgo e de Lisboa disponibilizaram para que os seus investigadores pudessem participar neste projecto, têm sido um dos aspectos-chave que tem garantido o sucesso deste programa.

mobilidade intra-urbanos, questionando a relevância da utilização de modelos teóricos dicotômicos na análise de um contexto extremamente dinâmico e em constante mutação.

Abstract

The spatial and demographic configuration of today's Maputo – with one million people living in the city and about 1.8 million in the metropolitan area - is more the creation of those who inhabit the city than of those supposedly in charge of it. As the result of complex, often obscure processes of monetary accumulation, or merely the fulfilment of the “put a little by every day” method of saving, these homes range in size and standard from modern apartment blocks and luxury villas to the thousands of more modest (and often unfinished) dwellings that spread for miles across the so called *Cidade de Cimento*.

This article describes some characteristics of Maputo families relating them to intra-urban mobility and questions the relevance of certain dichotomy-based theoretical models for the analysis of this exceptionally dynamic and constantly changing urban context. It does this by relating previous author's research findings on the lives of Maputo families to the main ideas guiding ongoing research into the nature of the emerging forms of 'urbanism as a way of life' in the African city of Maputo, and by investigating the nature and impact of the creation of 'home space'.



Fig. 1. Vista parcial de Maputo

Introdução

A actual configuração espacial e demográfica de Maputo - com uma população superior a um milhão de habitantes dentro dos limites da cidade e cerca 1,8 milhões na região metropolitana² - é mais uma criação dos seus habitantes do que o resultado de políticas de planeamento e regulamentos urbanísticos. Como resultado de complexos, e muitas vezes obscuros processos de acumulação monetária, ou de pequenas poupanças quotidianas, surgem todos os dias novas habitações: modernos blocos de apartamentos, vivendas luxuosas e, sobretudo, milhares de moradias mais modestas (na sua maioria inacabadas) que se espalham por quilómetros em redor daquilo que se convencionou chamar “Cidade de Cimento”³.

² Entre 1997 e 2007 a população do município de Maputo aumentou 13,2%. Se este município tinha, em 2007, 1 094 315 habitantes a população da área metropolitana de Maputo (que inclui o Município da Matola) ascendia aos 1 766 823 habitantes (Censo 2007, Instituto Nacional de Estatística de Moçambique, www.ine.gov.mz, consultado a 29 Novembro 2010).

³ Em Maputo, como em muitas das cidades africanas nascidas na época colonial, persiste uma estrutura dualista herdada do colonialismo que em termos espaciais e arquitectónicos permite distinguir dois núcleos: a chamada *Cidade de Cimento*, outrora a cidade dos brancos, com construções em alvenaria, prédios, vivendas, ruas asfaltadas, água canalizada, electricidade e reunindo um conjunto significativo de infra-estruturas sociais e de serviços, e os então designados *Bairros de Caniço* onde, na época colonial, residia a chamada população indígena. Esta habitava em casas de construção rudimentar e na sua maioria

A reflexão que este artigo desenvolve tem por base resultados de investigações desenvolvidas desde há vários anos⁴ sobre os processos de mudança social e cultural em famílias moçambicanas residentes em Maputo e ideias decorrentes das preocupações de um programa de pesquisa iniciado mais recentemente (2009). Este programa investiga a natureza e o impacto do *Espaço do Lar*⁵ de modo a compreender as formas emergentes de ‘urbanismo enquanto modo de vida’ nas cidades africanas de urbanização acelerada.

No âmbito deste último programa foram realizados dois trabalhos de campo. O primeiro, em Dezembro de 2009, e o segundo em Maio e Junho de 2010. O primeiro trabalho de campo, envolvendo uma equipa de arquitectos, urbanistas, antropólogos e estudantes da Universidade Eduardo Mondlane, teve como objectivo a realização de um estudo dos espaços edificados e habitacionais e das condições socioeconómicas dos agregados familiares. Foi efectuado em áreas representativas das zonas peri-urbanas da cidade de Maputo e numa amostra aleatória estratificada de 100 *Espaços do Lar*. Procurou-se nesta fase registar o que é compreendido como *Espaço do Lar* e o seu papel no processo de mudança urbana. Essa amostra decorre, em parte, de pesquisas anteriores⁶ (estudo longitudinal, cerca de metade da amostra) e em parte das tendências actuais da expansão urbana e morfológica. O segundo trabalho de campo implicou a realização de um estudo aprofundado de carácter etnográfico, focalizado num conjunto de famílias seleccionadas da amostra inicial e teve como objectivo investigar o *Espaço*

edificadas com materiais precários, sobretudo o caniço. (Cf. Costa, Ana Bénard da, *O preço da sombra: sobrevivência e reprodução social entre famílias de Maputo*, Lisboa, Livros Horizonte, 2007).

⁴ Costa, Ana Bénard da, “Estudo de Famílias Deslocadas na Cidade de Maputo: Análise das Relações e Comportamentos Sócio-económicos”, Lisboa: Centro de Estudos Africanos, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, master thesis (mimeo), 1995. Costa, Ana Bénard da “Urbanos e Rurais: Circulação e mobilidade nas famílias da periferia de Maputo” *Lusotopie*, 13, 1, 2006, pp. 147-162(16) Costa, Ana Bénard da, *O preço da sombra: sobrevivência e reprodução social entre famílias de Maputo*, Lisboa, Livros Horizonte, 2007.

⁵ “O conceito *Espaço do Lar*, desenvolvido indutivamente pela equipa de investigação, refere-se aos espaços onde a maioria das populações urbanas africanas habitam – sendo ‘habitar’ simultaneamente um lugar e um processo. Criar um *Espaço do Lar* envolve assim, simultaneamente, práticas espaciais e sociais, mas conceptualmente o *lar* é, acima de tudo, um conceito culturalmente definido. No seu conjunto os *Espaços do Lar* africanos criam a maioria dos espaços urbanos e estão inevitavelmente implementados nos contextos políticos e económicos que estabelecem os parâmetros estruturais desta agência. Para compreender o *Espaço do Lar* é necessário estudar os aspectos físicos, sociais, económicos, culturais e temporais das mudanças urbanas.” (Espaço do Lar, “Compreender o ‘Espaço do Lar’ na cidade Africana” Brochura do programa de investigação,,2009.

http://www.karch.dk/inst3/Materiale/Filer/DHS_HomeSpaceBrochure.pdf

⁶ Jenkins, Paul “Housing and Living Conditions in two Peri-urban Bairros of Maputo City”, Maputo, UNDP-UNCHS Project MOZ/86/005, 1991. Jenkins, Paul “Emerging land markets for housing in Mozambique: the impact on the poor and alternatives to improve land access and urban development - an action research project in peri-urban Maputo”, Edimburgo, Edinburgh College of Art/Heriot-Watt University, School of Planning & Housing, Research Paper No. 75, 2001.

do Lar enquanto construção social. Procurou-se, aí, compreender, ao nível micro das famílias, as percepções, as dinâmicas e os processos sociais que moldam o *Espaço do Lar* no presente e que resultam de experiências do passado e percepções relativas ao futuro.

Os bairros onde foi realizado o trabalho de campo incluem-se nas zonas de Maputo que durante muitos anos foram conhecidas como *Bairros de Caniço*. Nesses bairros grande parte das casas era construída neste material precário pois as autoridades coloniais impediam os *indígenas* de edificarem as suas habitações em materiais duráveis. Hoje em dia, o caniço praticamente desapareceu e, por esse motivo, a maioria dos habitantes de Maputo, refere-se a estas áreas como os *Bairros*. Mas estes bairros - como adiante se explicará - estão interligados com a *Cidade Cimento* e não podem ser entendidos através de abordagens e categorias teóricas dualistas que classificam estas zonas da *mesma cidade* como realidades opostas, associando os *Bairros*, ou os *Bairros de Caniço*, à informalidade e à tradição e opondo-os à *Cidade de Cimento* conotada com a formalidade e a modernidade. Os *Bairros* e a *Cidade de Cimento* são informais e tradicionais, tal como são formais e modernos. E, acima de tudo, um número crescente de pessoas e famílias que aí vivem circulam em ambos os espaços ou foram mudando de locais de residência ao longo da sua vida.

A equipa de antropólogos envolvida no primeiro dos trabalhos de campo (levantamento socioeconómico dos agregados familiares) utilizou os guiões de entrevista produzidos pelo conjunto de investigadores envolvidos no Programa de pesquisa “Espaço do Lar”. O conjunto dos dados obtidos permitiu uma visão global do contexto e um enquadramento que possibilitou a preparação e a realização do segundo trabalho de campo de natureza etnografia que abrangeu um número limitado de casos (19) e que teve lugar em Maio / Junho de 2010. As questões que orientaram a pesquisa etnográfica estiveram igualmente relacionadas com os objectivos de pesquisas anteriores e centrados nas estratégias de sobrevivência e reprodução social das famílias de Maputo. Procurava-se então compreender como as famílias organizavam as suas práticas sociais de modo a desenvolverem estratégias que possibilitavam coesão familiar num contexto de profundas mudanças políticas, económicas e culturais.

Análise dos dados do trabalho de campo etnográfico ainda não está finalizada e, assim, neste artigo, utilizam-se as informações obtidas nas mencionadas pesquisas anteriores e que directamente se relacionam com a forma como as famílias vivem e

criam a cidade de Maputo, e alguns dos resultados preliminares do levantamento socioeconómico realizado em Dezembro de 2009. Concretamente, e para a elaboração do presente artigo, foram analisados metade dos dados recolhidos nessa fase, correspondendo a 50 dos 100 casos estudados e relativos a agregados familiares residentes nos bairros Polana Caniço A e B no Distrito Urbano nº3⁷, e bairros 3 de Fevereiro, Mahotas e Laulane no Distrito Urbano nº4⁸.



Fig.2 Bairro Polana Caniço A

Porquê Famílias?

Os motivos que levaram investigações anteriores a centrarem-se sobre famílias e não sobre agregados familiares, decorrem do facto de os estudos sobre agregados não permitirem, por si só, a compreensão das estratégias de sobrevivência e reprodução social implementadas pelo grupo de pessoas que reside num dado momento num determinado espaço habitacional. Para compreender essas estratégias, é necessário considerar todos os membros da família que vivem numa determinada “casa” bem como

⁷ Estes distritos e o distrito nº 5 concentram 74% da população do município de Maputo (distrito nº3: 222.756 habitantes - 20,4%; nº. 4: 293.461 habitantes - 26,8%; nº. 5: 290.696 habitantes 26,6%). (Censo 2007, Instituto Nacional de Estatística de Moçambique, www.ine.gov.mz, consultado a 29 Novembro 2010).

⁸ A possibilidade de voltar a estudar nestes bairros os mesmos talhões que foram objecto de estudos anteriores (Jenkins 1991 e 2001, op.cit.) constituiu uma oportunidade única de realização de uma pesquisa longitudinal.

todos aqueles que embora residindo noutras “casas” mantêm com os primeiros importantes relações de interdependência e que são significativas em termos do desenvolvimento dessas estratégias. Essas relações podem ser identificadas através da observação e da descrição que os informantes fazem das suas práticas e das interações que mantêm com outros membros da família que residem noutras casas, no mesmo bairro ou noutras zonas ou localidades⁹. Desta forma, o tamanho real da família é “limitado em termos práticos pelas obrigações de reciprocidade que uma pessoa desenvolve e mantêm na selecção dos seus parentes”¹⁰.

No actual projecto de pesquisa, onde o *Espaço do Lar* é a principal unidade de análise, os dados recolhidos e analisados até ao momento reconfirmaram a pertinência desta abordagem. Só uma abordagem dinâmica da família, como algo em constante mutação, e não necessariamente reunindo um número circunscrito de membros ancorados num espaço fixo, permite compreender e explicar a forma, igualmente dinâmica, como os residentes criam, transformam e vivem o seu *Espaço do Lar*. *Espaço do Lar*, esse, inserido, por sua vez, num contexto que conhece profundas e constantes alterações.

Nas pesquisas realizadas em Dezembro de 2009 e Maio e Junho de 2010 muitos dos informantes manifestaram, de diversas formas e a propósito de diferentes assuntos, a importância que detinham outros membros da família, para além daqueles com quem coabitavam, na criação, transformação e manutenção do seu *Espaço do Lar*. Assim e neste sentido, a família é uma construção circular: existe porque as relações existentes entre os seus membros permitem o desenvolvimento de estratégias de sobrevivência e reprodução social (e neste âmbito as estratégias residenciais são das mais significativas) e porque estas últimas, ao serem accionadas, mantêm, desenvolvem e criam as relações familiares (e os espaços onde estas se desenvolvem) que estão na base desta unidade social e que constituem a sua essência e o seu fundamento. No entanto, nem sempre é possível determinar todos os tipos de relacionamentos (e as

⁹ Por exemplo, a suposição, a priori, de que os filhos menores de idade pertencem à família de seus pais, mesmo quando eles vivem com outros parentes, é questionável. Estas famílias pertencem a diferentes grupos étnicos, vivendo no mesmo ambiente urbano e num contexto de mudança social. Estas famílias são "tradicionalmente" incluídos nos sistemas de parentesco que não só são diferentes do sistema ocidental, mas também são muito diferentes entre si. E, como bem observou Christian Geffray (*Nem Pai nem Mãe*, Lisboa, Caminho, 2000, p.23), há um "erro" e uma "ambiguidade" na utilização "dos rótulos de parentesco ocidentais para descrever o parentesco dos outros, como se nossas palavras - ao contrário das palavras de todas as outras sociedades - foram dotados de um valor universal".

¹⁰ Cohen, Abner *The Politics of Elite Culture: Explorations in the Dramaturgy of Power in a Modern African Society*, Berkeley: University of California Press, 1981.

relações de poder daí decorrentes), a sua frequência e importância, que existem entre os diferentes membros da família - especialmente quando a família está dividida em duas ou mais áreas geográficas e os membros residentes num determinado *Espaço do Lar* não são fixos. Por isso, perguntas aparentemente simples, - tais como: a quem pertence a casa? Quem a herda? Quem forneceu os recursos para construir a casa? Quem decide o que fazer, como fazer e quando o fazer? - Não têm respostas fáceis, como se confirmou nestes últimos trabalhos de campo. E mesmo quando as respostas surgem, estas podem sofrer alterações em função das circunstâncias em que a pergunta é colocada, da altura ou da pessoa que fornece as respostas

Na pesquisa desenvolvida no âmbito do Programa de investigação sobre o *Espaço do Lar* foi igualmente considerado como particularmente importante compreender o significado que as noções de *propriedade* ou *pertença* tinham para os diferentes membros da família e, simultaneamente, ter em conta que, no contexto social e cultural no qual esta trabalho se desenvolveu, há muitas vezes fundamentais relações de reciprocidade entre membros de uma mesma família que residem em localidades diferentes e que tem por base símbolos de identidade familiar (nomes, terra de origem, antepassados comuns). Além disso, considerou-se também importante ter em conta a "presença" de uma ampla rede de antepassados na vida quotidiana da família¹¹.

Em Maputo, os tipos de famílias, as estruturas e as relações familiares são interdependentes dos processos de criação, transformação e organização do *Espaço do Lar*. Diferentes tipos de família e mudanças nas estruturas e nas relações familiares, implicam - e, simultaneamente, criam - diferentes possibilidades de construção ao nível do *Espaço do Lar* (e/ou ideais de construção). Estes processos são dinâmicos, condicionados pelos contextos sociais, culturais, políticos e económicos e também pelas estratégias de reprodução social que relacionam indivíduos específicos a específicas (mas não necessariamente únicas) unidades sociais. Neste contexto social e económico, tipos de família e criações de *Espaços do Lar* são, acima de tudo, processos de mudança em curso, paradoxalmente, ancorados em ideais de permanência e durabilidade.

¹¹ Cf. Costa, op.cit. 2007



Fig. 3 Uma família de Maputo

Famílias de Maputo: origens, tipos e redes sociais

Todas estas famílias vivem em Maputo, capital política, administrativa e económica de um país muito vasto, mas a maioria dos membros adultos das famílias estudadas são naturais das províncias rurais do sul de Moçambique ou descendentes de famílias daquelas regiões. É interessante notar que nos 50 casos analisados no trabalho de campo de Dezembro 2009, cerca de 63,8 dos chefes de família nasceram fora da área metropolitana de Maputo. No entanto, se nas pesquisas anteriores foi possível concluir que todas as famílias tinham ligações mais ou menos regulares com as suas terras de origem, tal parece já não se verificar, embora seja necessário aprofundar a análise para confirmar esta informação. Por exemplo, somente 23% das famílias afirmaram possuir uma *machamba*¹² na sua terra de origem e apenas 29,7% disseram que consideravam o seu local de nascimento (ou o local de nascimento de seus maridos) como a sua terra de origem.

Além disso, as diferenças nos tipos de família¹³ entre aqueles que viveram por períodos mais ou menos longos na cidade, não são igualmente significativas: a maioria

¹² Nome dado em Moçambique aos terrenos destinados à produção agrícola.

¹³ Utilizamos aqui a tipologia empregue no censo de 1997 para os diferentes tipos de família: famílias monoparentais constituídas de pai ou mãe e filhos; famílias nucleares constituídas por pai, mãe e filhos ou casais sem filhos; famílias alargadas, aquelas cuja composição difere das anteriores. A maioria das famílias são alargadas, constituídas por elementos de ambos os ramos de descendência e não estão necessariamente organizadas em torno dos "mais velhos". Flexibilidade é grande e as famílias alargadas podem assumir diferentes formas.

eram, e ainda são, famílias alargadas, com uma composição extremamente heterogénea envolvendo familiares (pelo menos um) de ambas as linhas descendência e diferentes gerações. Além disso, alguns dos entrevistados tinham filhos ou filhas que viviam com parentes próximos noutras zonas de Maputo, nas regiões rurais e ainda na África do Sul. A propósito deste assunto uma informante expressou-se nestes termos: "Eu dei o meu filho à minha irmã, ela não podia ter filhos".

Este tipo de família alargada, diferente das famílias extensas patrilineares tradicionais das regiões do sul de Moçambique, e das famílias nucleares “modernas” e “ocidentais”, pode ser resultante da necessidade de criar e manter laços de solidariedade com um número significativo de parentes que permitam o desenvolvimento de relações de reciprocidade; da incapacidade de sobreviver recorrendo apenas a uma única fonte de rendimentos e, igualmente, da consciência de que quanto maior for o isolamento e menor o número de membros, maior é o risco da família não conseguir sobreviver e reproduzir-se socialmente¹⁴. Mas este tipo de família é também o produto de um contexto específico, onde o espaço é um recurso escasso e precioso e o projecto de construção de uma casa algo que envolve muitas despesas e que raros conseguem iniciar e, sobretudo, completar sozinhos.

Outra questão importante diz respeito às relações familiares que se estabelecem entre parentes que vivem em casas diferentes no mesmo bairro e/ou em bairros diferentes de Maputo. Em estudos anteriores observou-se que existiam diferentes núcleos de uma mesma família a residir em bairros de Maputo com características muito diversas do ponto de vista económico e social, observou-se também vários casos de famílias que ao longo das últimas décadas mudaram várias vezes de bairro. A importância de que se revestem as redes familiares parece explicar e permitir esta mobilidade - para a cidade e dentro da cidade - que se mantém com bastante intensidade, como se pode observar nesta última pesquisa.

De acordo com os dados do trabalho de campo de Dezembro de 2009 apenas 17% das famílias, mantêm as casas onde actualmente residem desde a independência, todos as restantes famílias chegaram durante as últimas três décadas (praticamente em igual número em cada década). Da mesma forma, a maioria dos membros das famílias contactadas (59%) tinha residido noutros bairros de Maputo antes de se mudarem para o bairro onde actualmente vivem e os restantes ou tinham chegado directamente a esse

¹⁴ Cf. Costa 2007, op.cit.

Bairro vindos das zonas rurais (10,6%), ou nasceram no bairro (17%)¹⁵. A importância das redes familiares também é visível no número relativamente elevado de entrevistados (21, 2%), que residem em talhões que lhes foram cedidos por familiares. Finalmente, foi também possível observar a importância das redes familiares através do elevado número de entrevistados (72%) que afirmou que quando necessitava de ajuda a solicitava a familiares (descendentes de ambas as linhas).

Processos de mobilidade em Maputo

O processo de mobilidade que se pode verificar na cidade de Maputo e que inter-relaciona entre si zonas e bairros muito distintos, está dependente de complexas estratégias familiares que constituem também uma resposta às mudanças económicas e sociais que ocorreram em Maputo durante estas últimas três décadas.

As razões que explicam as mudanças de casa e de bairro verificadas ao nível das famílias estão relacionadas com mudanças económicas nos orçamentos familiares, com mudanças ocorridas ao nível das actividades geradoras de rendimentos desenvolvidas pelos diferentes membros das famílias, e com os locais onde estas se realizam, com mudanças no mercado imobiliário e de terras, associadas a leis administrativas e a mudanças nos mercados formais e informais que regulam (nem sempre na mesma direcção) as operações urbanas e os grandes projectos urbanísticos. Esta mobilidade populacional está também ligada a outras transformações urbanas, como por exemplo, alterações na localização dos mercados principais, ruas de maior ou menor circulação, melhores ou piores vias de comunicação entre as diferentes áreas, o aparecimento de novos bairros, construídos de acordo com planeamentos urbanos ou resultando de processos de auto-construção e de ocupações não formais de terras.

Por todas estas razões, as famílias movem-se através da cidade e muitos delas mudam-se para zonas distantes do centro da cidade. Os mais afortunados cumprem os sonhos de ter uma grande casa com vista sobre o mar ou um terreno com espaço suficiente para cultivar a sua *machamba* (e é interessante ver a persistência do imaginário rural entre as elites). Os outros, a grande maioria da população urbana, muda-se tentando fazer a melhor articulação possível entre diferentes prioridades: a

¹⁵ Isto vem de encontro às ideias que apontam para o facto o crescimento natural ser o principal responsável pelo crescimento das grandes cidades africanas. Resultando, as novas áreas de ocupação urbana, mais de movimentos populacionais intra-urbanos do que de êxodos rurais.

distância entre os lugares onde desenvolvem as suas actividades geradoras de rendimentos (mercados, machambas, centro urbano) e as suas casas; os preços dos terrenos e do arrendamento; os lucros que possam obter transaccionando casas com uma boa localização (por vezes, uma boa localização é em si um recurso económico, seja para ter um restaurante, uma loja, um cabeleireiro, ou um posto de vendas); o espaço necessário para todos os membros da sua família (colaboradores essenciais do orçamento doméstico), ou o dinheiro que poderiam fazer alugando quartos ou a casa a estranhos.

Relativamente a este último ponto, importa referir que o processo de arrendamento é relativamente raro entre os casos estudados (2%). No entanto, muitos daqueles que afirmaram que possuíam uma segunda casa ou que estavam em processo de a construir, disseram que gostariam de mudar de casa e alugar aquela onde residiam, o que permite pensar, que a curto espaço de tempo, o número de arrendatários crescerá nestes bairros de Maputo.

Eu quero alugar esta casa, grande parte do tempo a minha mãe e meu padrasto estão em Nampula e eu estou a construir a minha casa em Albasine. Essa casa é minha e eu vou guardá-la para os meus netos (M. Caso 60).

Em alguns casos, foi possível observar que as famílias tinham construído uma segunda casa no talhão e a alugavam a outras famílias, verificou-se também a construção de quartos extra com portas independentes com o expresso objectivo de os arrendarem.

Por tudo o que se referiu, foi possível verificar a importância fundamental de que se reveste o *Espaço do Lar* ao nível das estratégias das famílias. A grande maioria da população de Maputo, ricos ou pobres, poupa para ter uma casa ou para terminar e/ou melhorar aquela que já possui. Dia após dia, semana após semana, mês após mês, ano após ano, dependendo das oportunidades económicas, poupam para comprar mais um bloco de cimento, para construir mais uma sala, para consertar o telhado, para rebocar ou pintar as paredes, para fazer o muro, para adaptarem a casa a um novo modelo arquitectónico. Mas também vendem ou alugam a casa, se surgir uma boa oportunidade para ganhar dinheiro. Muitas vezes, estas transacções não têm um final

feliz. Por exemplo, uma mulher relatou que “dantes” tinha um grande terreno com árvores e *machamba*, depois o marido morreu, e ela começou a vender parcelas de terreno que obter dinheiro para viver e poder comprar blocos de cimento para substituir o caniço que se deteriorava. Vive neste momento num talhão exíguo, numa casa inacabada e com escassíssimos recursos que obtém da pesca artesanal que realiza na Costa do Sol.

Esta contradição, entre os investimentos que efectivamente as famílias realizam para poder manter e melhorar o seu *Espaço do Lar* (casa e talhão) e o elevado número de transacções e mobilidade verificado, também pode ser analisada ao nível das representações sociais que as famílias e os seus membros têm relativamente ao futuro do seu *Espaço do Lar*. Muitos deles não responderam quando esta pergunta foi feita (25%), outros disseram que gostariam de alugar e outros que gostariam de manter a casa para ser herdada pelos seus filhos e netos. Isto contradiz outra informação relativa ao número de casas próprias que as famílias possuem em Maputo. Quase metade dos entrevistados disseram ter uma outra casa e/ou talhão, ou que estão em processo de construção de uma segunda outra casa. A maioria destas novas casas localiza-se em bairros distantes do centro da cidade, alguns já no distrito de Marracuene. E uma das explicações para essa mobilidade foi que, em Marracuene, era mais fácil conseguir o título de propriedade, o DUAT (Direito de Uso e Aproveitamento da Terra)¹⁶. Esta contradição entre as estratégias de investimento no *Espaço do Lar* onde actualmente residem e as estratégias de lucro associadas a compras e vendas de casas e terrenos, é muito visível e está relacionada com outras contradições que ocorrem em todos os níveis da vida familiar e são explícitas nas diferentes estratégias desenvolvidas.

A primeira e principal contradição, intimamente ligada com a mobilidade urbana e com a necessidade que as famílias têm em preservar a sua coesão e unidade (dependente da combinação de diferentes rendimentos e produtos, obtidos ou produzidos pelos diferentes membros, em diferentes actividades e sectores da economia), está relacionada com a dispersão económica e espacial que essa unidade exige e que simultaneamente a ameaça. Outra contradição importante, relaciona-se com

¹⁶ Documento fornecido pelo Conselho Municipal de cada cidade, como prova de que alguém tenha o direito de utilização de um lote específico de terra. Em Maputo (centro da cidade e bairros) é muito difícil de obter e muito poucas pessoas o têm. A maioria dos entrevistados disse que não o tem e algumas explicar todo o moroso processo jurídico e burocrático em que estavam envolvidos a fim de o tentar obter.

a necessidade de os indivíduos estarem incluídos em redes de solidariedade social, sendo a família uma das mais importantes, e a impossibilidade de sobreviverem se não desenvolverem práticas "egoístas" que lhes permitam a satisfação das necessidades materiais. Esta contradição envolve uma complexa articulação de valores (a verdade, a confiança e a solidariedade, lado a lado, com o engano, cálculo, a desconfiança e o puro interesse material) que os actores sociais tentam articular da melhor maneira que podem¹⁷. Quando essa articulação é impossível, ele implica o rompimento de alguns compromissos sociais (por exemplo quebra de obrigações e retribuições familiares) em que as redes mencionadas se baseiam, levando ao rompimento das alianças (por exemplo de casamento) que tendem a perpetuar estas unidades sociais. No entanto, este processo não é necessariamente irreversível, há sempre a possibilidade de "circulação" em torno de redes de solidariedade e é possível para indivíduos e para as famílias estabelecer novas alianças com outras unidades sociais (novas alianças matrimoniais, por exemplo) desenvolvendo-se processos dinâmicos e versáteis de reprodução social.

Todas estas contradições, patentes nas práticas, nas representações sociais e nas estratégias familiares, explicam como é possível, em Maputo, que os núcleos diferentes de uma mesma família estejam simultaneamente juntos e separados. Estas mesmas contradições permitem ainda compreender a forma como as estratégias familiares interligam os diferentes bairros em complexas redes sustentadas por relações económicas e sociais flexíveis que se processam entre os diferentes *Espaços da Lar* de uma mesma família. Essas relações envolvem diferentes tipos e níveis de trocas, e estas não são necessariamente equivalentes entre si, nem regulares no tempo, mas no seu conjunto contribuem para preservar e manter os laços familiares nas suas diferentes dimensões (económica, emocional, simbólica).

Este tipo de informações relativas a redes familiares e obrigações e reciprocidades entre grupos de parentes, não pode ser obtida em pesquisas de curta duração que têm por base inquéritos ou entrevistas de pouco mais de uma hora. Foi necessário realizar um trabalho de campo aprofundado de carácter etnográfico que fornecesse as respostas que a investigação requeria. Só este tipo de pesquisa permite compreender a efectiva importância de que se revestem as relações entre membros de uma mesma família que não coabitam no mesmo espaço, e as suas implicações no

¹⁷Ver: Geschiere, Peter, "Parenté et argent dans une société lignagère", Bayart, Jean-François (org.), *La Reinvention du capitalisme*, Paris, Karthala, 1994, pp.87-116; Casal, Adolfo Yáñez, "Valor dos Homens e das Coisas", *Cadernos de Estudos Africanos*, 1, 2001, pp.99-124; Costa, 2007 op.cit.

desenvolvimento de estratégias residenciais ou de todo o tipo de estratégias que se relacionam directamente com a criação do *Espaço do Lar*.

A realização do trabalho de campo etnográfico em Maio e Junho últimos, está a permitir esclarecer muitas das dúvidas e gradualmente surge uma compreensão mais clara dos processos de mudança social e cultural, relativos à criação e transformação do Espaço do Lar. No entanto, a análise dos dados ainda está na sua fase inicial e não é possível apresentar mais resultados fundamentados para além daqueles que já se mencionaram neste artigo.



Fig.4 Casas nos bairros (1999)

Mudanças no Espaço do Lar

Se as transformações arquitectónicas são um reflexo e simultaneamente uma causa das transformações ao nível das estruturas e relações familiares, pode-se afirmar, que estas últimas estão em pleno processo de mudança. Se há alguns anos atrás (sobretudo até à década de 90) a maioria das casas eram construídas com caniço e, geralmente, dentro de cada talhão, havia várias construções independentes com funções específicas, que partilhavam o espaço com diferentes tipos de árvores (de fruto, de sombra) e pequenas hortas, hoje em dia, com poucas excepções, as casas são feitas de blocos de cimento e o espaço edificado ocupa praticamente todo o talhão deixando pouco terreno livre para as árvores, sombras e hortas. Geralmente os membros da mesma família coabitam sob um mesmo tecto e apenas algumas destas famílias reúnem mais de 10 membros (4,2%; 57,2% têm entre 5 e 10 membros).

Estes modelos de construção, que tendem para uma crescente concentração das várias divisões sob o mesmo teto, podem ser observados em todos os bairros onde as novas e imponentes moradias intervalam com as mais numerosas mas igualmente recentes e inacabadas casas. Se os detalhes e o tamanho da construção variam em função da imaginação e das posses dos proprietários, os materiais base e os modelos tendem para alguma uniformização: cimento e densificação do espaço edificado no talhão. Nestes modelos de construção quando existe algum espaço exterior, a tendência (ou o desejo) é para cobri-lo com cimento porque "a areia é suja". No entanto, e nesta fase da análise, ainda não é possível aferir se este modelo de construção reflecte uma mudança nas estruturas familiares e nos relacionamentos existentes e/ou é gerador destas mudanças ao nível das famílias, embora pareça razoável adiantar que ambos os processos se influenciam mutuamente. O *Espaço do Lar* tal como é concebido actualmente impede o cumprimento de certas normas tradicionais que regiam as relações dentro da família (entre gerações, sexos, e ramos de descendência) mas também é o espelho de alterações prévias nessas relações e que, por isso mesmo, já não justificam os arranjos espaciais que permitiam o cumprimento das regras tradicionais¹⁸.

No entanto, embora tudo indique que este modelo traduza uma tendência para a existência de famílias menos numerosas, ele não parece reflectir uma maior nuclearização das famílias, pois como acima se mencionou, maior parte das famílias reúnem outros membros para além dos pais e dos filhos. Porém, não restam dúvidas que este actual modelo de construção - e todos os móveis e objectos associados - representa o que essas famílias consideram ser uma *casa moderna* e que essa casa deve ter.

A *casa moderna* que alguns já possuem, que outros estão a construir e que todos sonham vir a ter, tem todos os quartos sob um único tecto, incluindo a casa-de-banho e cozinha, tem também uma sala com sofás e entre estes uma mesinha, um louceiro, objectos decorativos e diferentes electrodomésticos (televisão, vídeo, aparelhagem de musica...).

¹⁸ Foi observado nas pesquisas anteriores (2003, 2005) que este modelo urbano de concentração espacial tem implicações ao nível da poligamia, embora em meios urbanos — em Maputo ou noutras cidades da África subsariana — a poligamia não implique necessariamente a co-residência das diferentes esposas (cf. Loforte, Ana Maria “Género e Poder entre os Tsonga de Moçambique”, Lisboa: Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, dissertação de doutoramento (policopiado) 1996; Hesseling, G.; Lauras-Locoh, Thérèse, “Femmes, pouvoir, sociétés”, *Politique Africaine*, 65, 1997, pp.3-20.

A análise da utilização dos diferentes espaços e dos objectos que o *Espaço do Lar* contém, dar-nos-à informações fundamentais para a compreensão dos processos de mudança social e cultural em curso nas famílias de Maputo mas desde já adiantam-se algumas observações retiradas quer dos recentes trabalhos de campo quer de pesquisas anteriores. Nomeadamente, foi possível verificar que, em alguns casos, a única pessoa que come na mesa de jantar é o chefe da família e também que, mesmo quando as famílias possuem casa-de-banho dentro da casa, mantêm uma no exterior, e é esta que efectivamente utilizam. As explicações que fornecem sobre este assunto relacionam-se quer com os níveis de consumo de água - a casa-de-banho interior consome mais água pois implica o uso do autoclismo e de torneiras com água corrente -, quer com questões de higiene – no interior não é possível ter a distância entre a casa-de-banho e a cozinha que garante a higiene necessária. Outro aspecto relaciona-se com a utilização dos espaços interiores e exteriores. Foi possível observar nos recentes trabalhos de campo, que mesmo quando o espaço exterior era exíguo era aí que os membros da família passavam a maior parte do tempo. Sentados em degraus, nas ombreiras das portas e preferencialmente – se a dimensão do espaço exterior o permitia - em esteiras e cadeiras na sombra das árvores do talhão. E é também no exterior que a grande maioria das famílias cozinha, lava as loiças e a roupa. Na grande maioria dos casos foi igualmente no exterior que as entrevistas se realizaram.

As constatações acima mencionadas permitem colocar como hipótese o facto de estes modelos de *casa moderna* coexistirem com as formas tradicionais do uso do espaço doméstico e ambas estarem relacionadas com o modo como as famílias organizam as relações entre os seus diferentes membros e entre estes e o mundo exterior. A persistência de alguns comportamentos tradicionais e as inter-relações entre a tradição e a modernidade, ao nível do *Espaço do Lar* traduzem a adequação da tradição à actualidade e, como tal a sua *modernidade*¹⁹. Essas inter-relações e as contradições daí decorrentes, entre as normas e as obrigações tradicionais que regulavam as relações e os comportamentos no seio das famílias e as novas atitudes, porventura, de cariz mais individualista, espelham-se na seguinte frase de uma informante:

¹⁹ Bastos, Cristiana, “Omulu em Lisboa”, *Etnográfica*, V (2),2001, pp. 303-324.

Ajuda é complicado. Eu estava no hospital e mandei uma mensagem para o meu irmão mais velho, pedindo-lhe para me comprar alguns remédios. Quando leu a palavra "comprar" nunca apareceu. Quem me ajudou foi o meu irmão mais novo, mas aí eu tive de lhe pagar. (Mulher, Caso 20).

De acordo com as normas tradicionais os irmãos mais velhos têm a obrigação de ajudar os irmãos mais novos, sobretudo quando estas são mulheres. Caso receba-se a ajuda do irmão mais velho para comprar o remédio em causa, esta informante acharia que ele estava a cumprir a sua *obrigação* e não se sentiria *obrigada* a reembolsá-lo. Como quem comprou o remédio foi um irmão mais novo, que não tinha essa *obrigação*, a informante teve de lhe pagar.

Existe um processo de mudança social e cultural patente nas estruturas e relações familiares que não é independente do processo de mudança que se verifica na morfologia da cidade de Maputo. As famílias mudam e mudam-se e a cidade cresce, densifica-se, expande-se. Os seus habitantes sonham em comprar talhões nos bairros novos, *organizados* e tão longínquos como os de Jafar e Guáva já no distrito de Marracuene (a 35 km do centro da cidade) mas ainda mantém elos com os familiares que residem nos bairros mais centrais e se as condições de vida se alterarem (por divórcio, por casamento, por morte dos pais, do marido, da esposa, por imperiosas necessidades económicas), é sempre possível recorrer a essas relações de parentesco e ir residir, pelo menos temporariamente, na casa dos pais, dos tios, dos cunhados, das irmãs, dos avós..."O meu cunhado alugou a sua casa e agora está a morar connosco. Está a construir uma casa no quintal" (Mulher, Caso 61).

Considerações finais

Dentro da cidade de Maputo, entre os vários bairros dos diferentes distritos municipais, a mobilidade tem sido constante pois as mudanças que desde a independência até aos dias de hoje acompanharam o processo político, social e económico de Moçambique, e particularmente de Maputo, originaram diferentes

estratégias de sobrevivência e reprodução social, sendo a mobilidade espacial parte integrante dessas estratégias²⁰.

Neste processo de mobilidade as famílias de Maputo ganham dinheiro, perdem dinheiro, adquirem prestígio social ou perdem prestígio social, mudam e reconstróem redes sociais, familiares e religiosas. Os *Espaços do Lar* que possuem, que conseguem edificar, manter, melhorar, que vendem ou são forçadas a vender ou que são incapazes de conservar, são o espelho desta mobilidade social e espacial. Paradoxalmente, aqueles que conseguem subir na escala social e construir as moradias dos seus sonhos tendem a preservar esse sucesso dos olhos exteriores rodeando as suas casas com grandes muros, mas estes, por si só, espelham a posição económica e social de quem os construiu. Os menos afortunados mantêm os muros “de espinhosa que é feia e não protege a casa dos ladrões”.

Este processo de mobilidade ocorre desde os últimos 30 anos e pode ser observado na maioria dos percursos das famílias de Maputo, independentemente das zonas da cidade em que se centra a investigação.

A terra, especialmente o solo urbano, e as habitações que aí existem e se edificam, constituem importantes recursos económicos e complexos negócios são efectuados por ricos e pobres com o objectivo do lucro, da segurança ou impulsionados por situações de desespero. De alguma forma neste processo que envolve transacções fundiárias e imobiliárias, construção e auto-construção de habitações, todos os actores sociais, independentemente da sua condição económica, tentam proteger-se, manobrando as diferentes leis (e os respectivos sistemas de direito) que, durante estes últimos 30 anos, têm tentado regulamentar as transacções, as construções, e o mercado imobiliário e fundiário de Maputo.

O crescimento da população de Maputo não tem sido uniformemente distribuído entre a *Cidade de Cimento* e os *Bairros de Caniço*. É nestes últimos que se concentra o crescimento populacional²¹ quer em termos de densidade, quer ao nível das áreas de ocupação habitacional que tem vindo a conhecer uma significativa expansão. Tirando raras excepções, este crescimento urbano não tem sido acompanhado de um planeamento e de investimentos que permitam a manutenção ou implementação de infra-estruturas.

²⁰ Ver Costa, 2007, op.cit.

²¹ Ver nota 6

Este aumento da população urbana tem sido realizado de duas formas: através da expansão geográfica da periferia que se estende actualmente por muitos quilómetros, e através da densificação do espaço ocupado nos diferentes bairros. A distância relativa de diversos municípios do centro da cidade determina a densidade populacional, que é menor nos municípios que estão mais distantes do centro da cidade, apesar de estas serem precisamente as que sofreram o maior crescimento da densidade nos anos noventa²². Ao mesmo tempo, nestas áreas, podemos ver algumas moradias de fins-de-semana com seus jardins bem cuidados e as respectivas *machambas*. Na *Cidade de Cimento* houve também um aumento de construção. Terras que foram deixadas sem edifícios durante o período colonial, porque não serem consideradas como adequados para a construção (ex-pântanos, escarpas), áreas agrícolas ou áreas de mangal (Zonas Verdes, na Costa do Sol) são agora ocupados por luxuosas moradias particulares ou grandes edifícios (hotéis, centros comerciais, escritórios de multinacionais) ou sê-lo-ão brevemente pela dinâmica de construção que é possível observar e pelos vários planos de urbanização de se *houve falar*. Algumas áreas anteriormente ocupadas por casas de caniço estão a ser progressivamente substituídas por condomínios com modernos edifícios de blocos de apartamentos. Mas esta prosperidade urbana beneficia apenas uma minoria da população da cidade., A maioria continua a residir nos Bairros onde não há ruas asfaltadas, raramente existe água canalizada, a energia eléctrica é algo de recente e os sistemas de drenagem, quando existentes, estão inoperacionais, e, à parte algumas iniciativas interessantes de recolha de lixo, continuam sem sistema de saneamento básico.

Para além destas diferenças óbvias que separam estas duas partes da cidade (*Cidade de Cimento e Bairros*) e do facto de a prosperidade urbana e da pobreza tenderem a afastar para bairros progressivamente mais afastados do centro a maioria da população, é importante notar, como este artigo demonstra, que essa mesma prosperidade e pobreza criam complexas pontes sociais, económicas e culturais que unem os diferentes bairros e que necessitam de ser estudadas a fim de se poder compreender as pessoas que vivem e moldam a dinâmica desta cidade africana em plena transformação.

²² Oppenheimer, Jochen and Raposo, Isabel, *A Pobreza em Maputo*, Lisboa: Ministério do Trabalho e da Solidariedade, Departamento de Cooperação, 2002, p.24).

Bibliografia Citada

- Bastos, Cristiana, “Omulu em Lisboa”, *Etnográfica*, V (2), 2001, pp. 303-324.
- Casal, Adolfo Yáñez, “Valor dos Homens e das Coisas”, *Cadernos de Estudos Africanos*, 1, 2001, pp.99-124
- Cohen, Abner, *The Politics of Elite Culture: Explorations in the Dramaturgy of Power in a Modern African Society*, Berkeley: University of California Press, 1981.
- Costa, Ana Bénard da, *O preço da sombra: sobrevivência e reprodução social entre famílias de Maputo*, Lisboa, Livros Horizonte, 2007.
- Costa, Ana Bénard "Urbanos e Rurais: Circulação e mobilidade nas famílias da periferia de Maputo " *Lusotopie*, 13, 1, 2006, pp. 147-162(16)
- Costa, Ana Bénard da, “Estudo de Famílias Deslocadas na Cidade de Maputo: Análise das Relações e Comportamentos Sócio-económicos”, Lisboa: Centro de Estudos Africanos, Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, Tese de Mestrado (mimeo), 1995.
- Christian Geffray, *Nem Pai nem Mãe*, Lisboa, Caminho, 2000
- Espaço do Lar, “Compreender o ‘Espaço do Lar’ na cidade Africana” Brochura do programa de investigação, 2009.
http://www.karch.dk/inst3/Materiale/Filer/DHS_HomeSpaceBrochure.pdf
- Geschiere, Peter, “Parenté et argent dans une société lignagère”, Bayart, Jean-François (org.), *La Reinvention du capitalisme*, Paris, Karthala, 1994, pp.87-116;
- Instituto Nacional de Estatística de Moçambique, Censo 2007, www.ine.gov.mz, consultado a 29 Novembro 2010.
- Hesseling, G.; Luras-Locoh, Thérèse, “Femmes, pouvoir, sociétés”, *Politique Africaine*, 65, 1997, pp.3-20.
- Jenkins, Paul “Housing and Living Conditions in two Peri-urban Bairros of Maputo City”, Maputo, UNDP-UNCHS Project MOZ/86/005, 1991.
- Jenkins, Paul “Emerging land markets for housing in Mozambique: the impact on the poor and alternatives to improve land access and urban development - an action research project in peri-urban Maputo”, Edimburgo, Edinburgh College of Art/Heriot-Watt University, School of Planning & Housing, Research Paper No. 75, 2001.

Loforte, Ana Maria “Género e Poder entre os Tsonga de Moçambique”, Lisboa: Instituto Superior de Ciências do Trabalho e da Empresa, dissertação de doutoramento (policopiado) 1996

Oppenheimer, Jochen and Raposo, Isabel, *A Pobreza em Maputo*, Lisboa: Ministério do Trabalho e da Solidariedade, Departamento de Cooperação, 2002.